

**OLIVEIRA, Mariana.** Historiografia teatral hoje. Rio de Janeiro: PPGAC/UNIRIO; Doutoranda; Bolsista CAPES; Elza de Andrade (Professora Orientadora). Atriz e Professora.

## RESUMO

O campo da historiografia teatral gerou, nos últimos trinta anos, uma série de discussões, com bibliografia disponível especialmente em língua inglesa. A disciplina estaria lutando por uma identidade profissional, para superar o baixo *status* a que esteve relegada por muito tempo, perdida numa espécie de não-lugar entre os estudos literários e a prática teatral. É como se a história do teatro procurasse afirmar-se, ao mesmo tempo que busca redefinir-se. Mas qual é a história da história do teatro? É sobre esta perspectiva histórica que se debruça o presente artigo, na tentativa de reunir alguns dos principais temas que animam os debates sobre historiografia teatral hoje. Entre eles, as questões da objetividade e da heteroglossia, da diversidade e inclusão de populações antes não historiadas e o deslocamento da perspectiva dramaturgic para a visão da cena e do espetáculo, com o incremento da iconografia teatral, novo campo de pesquisas também desenvolvido nas últimas décadas.

**Palavras-chave:** Historiografia Teatral. História do Teatro. Iconografia Teatral.

## ABSTRACT

The field of theatrical history has generated over the past thirty years a series of discussions which resulted in an amount of texts mainly available in English. The discipline is struggling for a professional identity, trying to overcome the subordinated position to which it has being relegated for a long time, lost in a sort of no-one's land between the literary studies and theatrical practice. It is as if the history of theater pursued to assert itself while, at the same time, sought to redefine itself. But what is the history of theater history? It is around this historical perspective that this article focuses, in an attempt to gather some of the main themes that animate the debate on historiography theater today: objectivity, *heteroglossia*, diversity and inclusion of groups that weren't previously historicized and the displacement of the dramaturgic perspective to a new scene and spectacle outlook, which coincided with the development of the theatrical iconography studies, a new field of research that has emerged in the last decades.

**Keywords:** Theatre Historiography. Theatre History. Theatre Iconography.

Pelo menos desde o lançamento de *Interpreting the Theatrical Past: Essays in the Historiography of Performance* (POSTLEWAIT e McCONACHIE, 1989) tem-se discutido a historiografia teatral, especialmente em bibliografia de língua inglesa. Alguns títulos indicam tentativas de redefinição diante de novos desafios<sup>1</sup>. Bial e Magelssen resumem o momento: "Nunca houve tempo mais crítico para intervir na prática da historiografia teatral" (2010, p. 3; trad. minha).

<sup>1</sup> Como, por exemplo, as obras: *Theorizing Practice: Redefining Theatre History* (WORTHEN e HOLLAND, 2003) e *Theatre Historiography: Critical Interventions* (BIAL e MAGELSEN, 2010).

Esse tempo crítico se definiria como a luta da disciplina por uma identidade profissional, para superar o baixo *status* a que esteve relegada por muito tempo, perda numa espécie de não-lugar entre os estudos literários e a prática teatral (VINCE, 1989). É como se a história do teatro procurasse afirmar-se e, ao mesmo tempo, redefinir-se. Isso pode soar um tanto paradoxal. Cabe, portanto, a pergunta: qual seria, afinal, a tradição da qual a disciplina busca se diferenciar? Em suma, qual é a história da história do teatro?

No final dos setecentos, a busca por identidades nacionais europeias intensificou as tentativas de escrita de histórias teatrais nacionais, inaugurando o que viria a se considerar a história do teatro moderno (VINCE, 1989, p. 5). A partir de então, a narrativa histórica teria que se basear na pesquisa de arquivo, iniciando o processo de construção do método histórico científico e de uma tradição marcada por busca de objetividade, ênfase sobre a “grande” literatura dramática do cânone ocidental (mesmo havendo indagações acerca do espaço cênico), biografias dos “grandes” dramaturgos e narrativas nacionalistas.

Isso começaria a ser repensado na década de 1960, com a perspectiva de se historiar a própria história do teatro (HOLLAND, 2003), o que corresponde, aliás, a um fenômeno mais amplo. A emergência da Nova História, na segunda metade do século passado, resulta dos desafios que “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos” impuseram ao paradigma tradicional de se escrever história (BURKE, 1992, p. 9).

Estudos sobre modelos de narrativa histórica e o conceito de discurso problematizaram a ideia de objetividade. A maneira escolhida para a argumentação, sua linha ideológica e até o modo de organizar a trama narrativa (romântico, trágico, satírico) prefiguram a pesquisa do historiador (POSTLEWAIT, 2009, p. 98). Além disso, o controle externo da formação discursiva e a subjetividade (consciência e intenção individuais) inerente às nossas formulações tornam impossível uma objetividade absoluta. Os valores do presente, diferentes do passado estudado, também influenciam nosso olhar. Escrevemos duas histórias simultaneamente: a dos diálogos entre historiador e documentos/evidências e outra entre discursos do presente e do passado. Em suma:

No final do século XX, [...] a história do teatro, como a maioria das humanidades e ciências sociais, foi sacudida pelo reconhecimento pós-moderno de que, mesmo nas raras ocasiões em que os fatos e acontecimentos em si são verificáveis, as narrativas através das quais ordenamos esses fatos e eventos são necessariamente subjetivas. Interpretações do passado são, portanto, sempre já condicionadas pelos valores, julgamentos e desejos do presente (BIAL e MAGELSSSEN, 2010, pp.1-2; tradução minha).

Diante da objetividade impossível, uma saída é a comparação possível. Dennis Kennedy, organizando *The Oxford Encyclopaedia of Theatre and Performance* (2003), solicitou aos autores dos verbetes que chamassem a atenção do leitor quando seus pontos de vista fossem incertos ou alvo de disputa. Usando

artifício semelhante, Burke optou por uma obra coletiva em seu *A escrita da história: novas perspectivas* (1992):

Por mais que lutemos arduamente para evitar os preconceitos associados a cor, credo, classe ou sexo, não podemos evitar olhar o passado de um ponto de vista particular. [...] Nessa situação, nossa percepção dos conflitos é certamente mais realçada por uma apresentação de pontos de vista opostos do que por uma tentativa [...] de articular consenso. Nós nos deslocamos do ideal da Voz da História para aquele da heteroglossia, definida como “vozes variadas e opostas” [...] (BURKE, 1992, p. 15).

Parte da bibliografia usada no presente artigo também é marcada pela “heteroglossia”, com temáticas bastante diversas, desde, por exemplo, questões de ordem metodológica dentro da tradição historiográfica em Shakespeare — provavelmente, até hoje, a mais extensa e desenvolvida área de pesquisa em história do teatro — até a decomposição feminista da “objetividade” de uma historiografia masculina marcada pela ausência feminina nas obras canônicas.

Susan Bennett (2010), professora universitária no Canadá, considera que a produção dramática feminina segue ignorada: por exemplo, nos anos 1876-99, quinhentas mulheres escreveram peças nos EUA e na Inglaterra. Apesar disso, notórias publicações sobre história do drama britânico elegem apenas autores masculinos como ícones dos novos preceitos realistas para o período.

Outras temáticas são a resistência à biografia individual, principalmente dos “grandes” nomes da dramaturgia ocidental canônica, e a busca de alternativa às narrativas nacionalistas. Os estudos da performance, na década de 1970, já haviam alargado o campo dos estudos teatrais no sentido da multiculturalidade. Uma vez que os novos objetos investigados não pareciam caber na categoria “teatro”, como convencionalmente definido na tradição euro-americana, surgiu o conceito de “performance”<sup>2</sup> (BIAL e MAGELSSSEN, 2010, p. 2), o que impulsionou uma grande mudança no fazer histórico teatral:

Se fôssemos criar uma definição da história do teatro tal como foi concebido há meio século, ela poderia ser algo como isto: “o estudo da evolução, principalmente na Europa e América, do processo de encenação/ interpretação de textos literários dramáticos”. Hoje, [...] uma espécie muito diferente de definição poderia ser mais apropriada, talvez algo como “o estudo de determinados eventos teatrais, ou grupos de tais eventos, e como eles operam dentro de seus contextos culturais” (CARLSON, 2010, p. 205, tradução minha).

As conquistas dos novos movimentos sociais e a chegada à academia de novos pensadores antes dela marginalizados, também resultaram em pesquisas sobre temas anteriormente não-historiados (minoridades étnicas e raciais, nações não-ocidentais). Não à toa, Charlotte Canning e Thomas Postlewait elegeram, entre os temas de discussão de *Representing the Past: Essays in Performance Historiography* (2010), o da identidade.

---

<sup>2</sup> O termo “performance” ganhou notoriedade com a introdução feita por Richard Schechner a um número da *Drama Review* (1973) intitulado “*Performance and the Social Sciences*”. Schechner defendia que o teatro tradicional seria “uma fatia muito pequena da torta da performance” (*Apud* CARLSON, 2010, p. 205, tradução minha).

Questões de ordem metodológica também estão na pauta do dia: as abordagens formalistas ou sócio-históricas são confrontadas. Se as primeiras nos permitem compreender formas e gêneros teatrais duradouros, as últimas, ao considerar profundamente os contextos sócio-históricos em que aparecem, ajudam a explicar suas transformações ao longo do tempo e em diferentes culturas. Nessa discussão, estão imbricados conceitos de periodização, entendidos como modelos discursivos para entendimento histórico, baseados na ideia estrutural de permanência, estabilidade ou identidade e na ideia temporal de mudança, divergência ou diferença (POSTLEWAIT, 2009). Diferentes modelos de periodização (ex.: por estilo de época) são analisados e sua concepção como conjunto fechado (com início e fim), identidade unificada e ponto de virada é problematizada. Da mesma forma, o são as ideias de cronologia, linearidade e evolução, levando a uma visão mais fragmentada da história.

Finalizando, vale notar a emergência das fontes visuais como documentos/ evidências no contexto de expansão do campo de interesses dos historiadores, como nos mostra Peter Burke em *Testemunha ocular: história e imagem* (2004). A iconografia teatral consolidou-se como disciplina acadêmica na Europa no início da década de 1990. As imagens ultrapassaram, assim, a simples função de ilustrar as afirmações contidas no texto e transformaram-se em fontes tão importantes quanto os documentos escritos para a pesquisa histórica. Por meio delas, podemos reconstruir a cena do passado e analisar a ideia de teatro prevalente em outros períodos históricos. Isso impulsionou a criação de bancos de imagens hoje disponíveis em *sites* na internet, permitindo um contato facilitado com documentos<sup>3</sup>.

Mediante esse panorama, vimos, portanto, como se modificaram os modelos historiográficos desde a formação, a partir do século XIX, de uma história do teatro científica, baseada na pesquisa de arquivo e na exigência de objetividade, até as revisões propostas nos últimos trinta anos. Além do critério de objetividade, tem sido rediscutida a ênfase no estudo da dramaturgia em detrimento do espetáculo, das grandes biografias individuais, das identidades nacionais e do cânone ocidental (europeu e norte-americano). Alguns pontos metodológicos — tipo de abordagem (formalista e/ ou sócio-histórica), conceitos de periodização, cronologia e emergência de novas evidências históricas — também têm sido revistos, no sentido de um olhar historiográfico mais crítico que abarque “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIVERTI, Maria Inès. “**Major Portraits and Minor Series in Eighteenth-Century Theatrical Portraiture**”. In: Theatre Research International. Vol. 22 Number 3. Theatre and Iconography. International Federation for Theatre

---

<sup>3</sup> Exs.: < <http://www.theatron.org/>> (modelos virtuais dos principais teatros europeus desde a Grécia antiga) e <<http://www.cesar.org.uk/cesar2/>> (teatro francês dos séculos XVII e XVIII).

Research. Northern Ireland (Belfast): Oxford University Press, 1997, p. 234-254.

BENNET, Susan. “**Decomposing History (Why Are There So Few Women in Theatre History?)**” In: WORTHEN, W. B. e HOLLAND, Peter (editores). *Theorizing Practice: Redefining Theatre History*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire, New York: Palgrave Macmillan, 2003, p.71-87.

\_\_\_\_\_. “**The Making of Theatre History**” In: CANNING, Charlotte M. e POSTLEWAIT, Thomas (editores). *Representing the Past: Essays in Performance Historiography*. Iowa City: University of Iowa Press, 2010, pp. 63-83.

BIAL, Henry e MAGELSEN, Scott (editores). *Theatre Historiography: Critical Interventions*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2010.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

CARLSON, Marvin. “Space and Theatre History” In: CANNING, Charlotte M. e POSTLEWAIT, Thomas (editores). *Representing the Past: Essays in Performance Historiography*. Iowa City: University of Iowa Press, 2010, pp. 195-214.

CANNING, Charlotte M. e POSTLEWAIT, Thomas (editores). **Representing the Past: Essays in Performance Historiography**. Iowa City: University of Iowa Press, 2010.

KENNEDY, Dennis. “**Confessions of an Encyclopedist**” In: WORTHEN, W. B. e HOLLAND, Peter (editores). *Theorizing Practice: Redefining Theatre History*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire, New York: Palgrave Macmillan, 2003, p.30-46.

\_\_\_\_\_. (editor). *The Oxford Encyclopaedia of Theatre and Performance*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

POSTLEWAIT, Thomas e MCCONACHIE, Bruce A. (editores). **Interpreting the Theatrical Past: Essays in the Historiography of Performance**. Iowa City: University of Iowa Press, 1989.

POSTLEWAIT, Thomas. “**The Criteria for Evidence: Anecdotes in Shakespearean Biography, 1709-2000**” In: WORTHEN, W. B. e HOLLAND, Peter (editores). **Theorizing Practice: Redefining Theatre History**. Houndmills, Basingstoke, Hampshire, New York: Palgrave Macmillan, 2003, pp. 47-70.

POSTLEWAIT, Thomas. **The Cambridge Introduction to Theatre Historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

VINCE, R. W. “**Theatre History as an Academic Discipline**” In: POSTLEWAIT, Thomas e MCCONACHIE, Bruce A. (editores). *Interpreting the Theatrical Past: Essays in the Historiography of Performance*. Iowa City: University of Iowa Press, 1989, pp.1-18.

WORTHEN, W. B. e HOLLAND, Peter (editores). **Theorizing Practice: Redefining Theatre History**. Houndmills, Basingstoke, Hampshire, New York: Palgrave Macmillan, 2003.